

O que a filosofia da psicanálise é
e o que ela não é

Richard Theisen Simanke

RESUMO

Este artigo visa fazer uma apresentação sintética da área de pesquisa em filosofia da psicanálise. Para tanto, apresenta um breve histórico das relações entre psicanálise e filosofia, seguido de um comentário a respeito do surgimento da filosofia da biologia, que pode ser tomado como modelo do que hoje acontece com a filosofia da psicanálise. Apresenta e analisa a seguir o modo como esta se desenvolveu na cena filosófica brasileira, para, por fim, concluir com um esboço de categorização do tipo de pesquisas que se pode encontrar nessa área. Trata-se, pois, de uma tentativa de explicitação mais sistemática do sentido do que se pode entender atualmente como filosofia da psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE

Sigmund Freud; Jacques Lacan; Filosofia; Psicanálise; Filosofia-Psicanálise-Brasil

What philosophy of psychoanalysis
is and what it is not

ABSTRACT

This paper aims at a synthetic presentation of the research field in philosophy of psychoanalysis. For this, it presents a short history of the relationship between psychoanalysis and philosophy, followed by some comments on the emergence of philosophy of biology, which can be regarded as model for what happens today with philosophy of psychoanalysis. Next, it presents and analyses the development of the latter in Brazilian philosophy, and, finally, concludes with a sketch of categorization of the kind of research that can be found in this field. It is part of a systematic attempt to make explicit the meaning of what can be called philosophy of psychoanalysis today.

KEYWORDS

Sigmund Freud; Jacques Lacan; Philosophy; Psychoanalysis; Philosophy-Psychanalysis-Brazil



BREVE HISTÓRICO DAS RELAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE E FILOSOFIA

A discussão acerca das relações entre filosofia e psicanálise remonta às origens desta última. É sabido que Freud debateu intensa e polemicamente as áreas de competência de ambas as disciplinas, num esforço para demarcar o domínio próprio da psicanálise nascente. Seus principais argumentos assinalam bem suas intenções polêmicas: incapacidade da filosofia aceitar a hipótese do inconsciente (que não resiste mesmo a uma inspeção superficial da história da filosofia moderna e contemporânea, sem falar na psicologia, na medicina e na literatura) e a natureza quase patológica dos sistemas filosóficos, equiparados aos delírios sistematizados da paranóia. Esse empenho tem suas raízes históricas no processo de constituição e de demarcação da psicologia científica – e das ciências da mente em geral – com relação às doutrinas filosóficas que, até então, se haviam ocupado de sua problemática. Esse processo foi contemporâneo ao período de formação do pensamento de Freud; no entanto, pode-se dizer que ele se revestiu de características específicas no caso da psicanálise. Esta última preservou – mais, talvez, que as demais teorias psicológicas ou que a maioria delas, pelo menos – o teor e a tonalidade característica das questões filosóficas implicadas em seus conceitos. Com efeito, muitos dos conceitos freudianos fundamentais aludem diretamente a debates de longa data estabelecidos que, até aquele momento, se travavam sobre um terreno predominantemente filosófico. Basta citar como exemplo a hipótese crucial da existência e da eficácia de um inconsciente psíquico, pulsional e representacional – em outros termos, de uma *mente inconsciente*, em todos os sentidos da palavra – que havia sido discutida, aceita ou rejeitada, por personalidades tão representativas do pensamento filosófico como Schopenhauer, von Hartmann, Nietzsche, Brentano, Bergson e William James, entre outros.



Por outro lado, talvez essa peculiaridade nos permita compreender melhor por que a psicanálise, ainda durante a vida de Freud, converteu-se em objeto de interesse por parte da filosofia que, desde os anos 20 pelo menos, tratou de comentá-la, celebrá-la, criticá-la, debatê-la, explicá-la, e assim por diante¹. Na cena filosófica brasileira, o debate entre filosofia e psicanálise constituiu-se, devido a uma série de circunstâncias, em uma parte integrante do processo de implantação e de consolidação da filosofia acadêmica no país. Principalmente no estado de São Paulo – e irradiando, a partir daí, sua influência para outras regiões –, esse processo foi, em seu início, fortemente marcado pelo modelo universitário francês e, sobretudo, por uma de suas vertentes, centrada na escola estruturalista de história da filosofia (Gueroult, Goldschmidt, etc.), com sua metodologia rigorosa de análise e explicação de textos. Ainda que esse movimento tenha servido para disciplinar a especulação filosófica no meio universitário e constituir uma cultura propriamente acadêmica para a prática da filosofia do Brasil, a necessidade de ampliar seus horizontes filosóficos e de encontrar o caminho para uma reflexão que se aventurasse mais além do mero comentário se fez sentir em muitos filósofos formados nesse modelo, os quais começaram a ensaiar diversas saídas e alternativas possíveis, incluindo um retorno ao ceticismo, à literatura, à fenomenologia, ao marxismo e à epistemologia e filosofia das ciências (ARANTES, 1994). Uma dessas saídas consistiu em aplicar a metodologia da análise estrutural de textos fora do âmbito dos sistemas estritamente filosóficos e dos textos dos filósofos clássicos para os quais havia sido criada e, desse modo, a exemplo do que havia ocorrido anteriormente com Marx, diversos filósofos que entravam na vida profissional ao longo dos anos 60 e 70 passaram a se dedicar à leitura, análise e explicação sistemáticas dos textos de Freud e, pouco a pouco, de outros teóricos importantes da história da psicanálise (Klein, Winnicott, Lacan, etc.). Lacan, com todas as suas

¹ Esse interesse da filosofia pela psicanálise manifesta-se inicialmente na crítica politzeriana (POLITZER, 1928), que influenciou filósofos posteriores como Dalbiez (1936) e Ricoeur (1965), sem falar na influência que teve sobre o primeiro Lacan e sobre Merleau-Ponty. Sua recepção filosófica inclui, ainda, a crítica da filosofia da ciência de inspiração neopositivista: Popper (1963) – a psicanálise como exemplo de pseudociência, Grünbaum (1984), MacMillan (1991), entre outros. Pode-se mencionar, ainda, o interesse pela teoria social freudiana, motivada principalmente pelos filósofos ligados ou oriundos da Escola de Frankfurt, como Adorno, Fromm, Marcuse, Habermas e o interesse da filosofia francesa, na esteira da reaproximação entre psicanálise e filosofia protagonizada por Lacan: Hyppolite, Jean Wahl, Merleau-Ponty e Sartre, mais tarde Derrida, etc. A lista seria enorme.



idiosincrasias, desempenhou, não obstante, um papel crucial nessa aproximação entre filosofia e psicanálise, pois, embora resgatasse de tempos em tempos a polêmica antifilosófica de Freud, às vezes quase nos mesmos termos, ao mesmo tempo empregava sistematicamente as referências filosóficas mais diversas na elaboração de suas teorias. Ainda que esse emprego fosse, freqüentemente, retórico ou metafórico (SIMANKE, 2003; 2005), teve como efeito alavancar o debate filosófico sobre a psicanálise dentro e fora do campo psicanalítico. Não é à toa que muitas das pesquisas que se desenvolvem contemporaneamente dentro do campo da filosofia da psicanálise possuam uma orientação marcadamente lacaniana.

Seja como for, as publicações crescentes em relação a essa temática, a multiplicação dos pesquisadores, a inserção institucional das sucessivas gerações que foram sendo formadas em numerosos centros de investigação e programas de pós-graduação fizeram, pouco a pouco, com que fosse legítimo falar de uma filosofia da psicanálise no Brasil e no mundo, como uma área de pesquisa que, no presente, encontra-se já fortemente consolidada, institucionalizada e com um amplo campo de diálogo dentro e fora da comunidade acadêmica – neste último caso, principalmente com os meios profissionais para os quais a psicanálise se constituiu como uma referência teórica fundamental (com as instituições psicanalíticas e os profissionais de saúde mental, sobretudo, mas, também e cada vez mais, com aqueles setores relacionados com a crítica política e a intervenção social). Observe-se que a psicanálise, desde seus primórdios, repercutiu em muitas outras áreas da reflexão filosófica além da epistemologia e da filosofia das ciências, tais como a ética, a estética, a política e a antropologia. Uma vez que a área de investigação delimitada pela rubrica “Filosofia da Psicanálise” deve contemplar todas essas interconexões e espaços de diálogo, o que se observa é que as publicações e eventos da área – como os congressos nacionais e internacionais realizados periodicamente há já algum tempo² – acabam por

² No Brasil, dois eventos principais, realizados em anos alternados, encontram-se já na sua terceira edição cada um: o *Encontro Nacional de Pesquisadores em Filosofia e Psicanálise* (realizado duas vezes em São Paulo e uma no Rio de Janeiro) e o *Congresso Internacional de Filosofia da Psicanálise* (realizado em São Paulo, São Carlos e Curitiba), organizados por pesquisadores de diversas instituições, grupos de pesquisa e programas de pós-graduação de todas as partes do país. No plano internacional criou-se em 2007 a *Sociedade Internacional de Filosofia e Psicanálise*, cujo terceiro congresso será realizado no Brasil em 2010 (os dois primeiros ocorreram em Paris e Boston).



expressar, não apenas o crescimento quantitativo e qualitativo das produções nesse novo campo disciplinar que assim toma forma, mas também a pluralidade e a diversidade dos trabalhos e das linhas de pesquisa que aí se desenham. Faz-se necessário, por isso, pelo menos um mapeamento preliminar desse campo, como um meio para explicitar sua estrutura e o perfil conceitual dessa disciplina filosófica em processo de amadurecimento. O objetivo deste artigo é, então, avançar alguns passos nessa caracterização da área de pesquisa em filosofia da psicanálise, tal como esta se apresenta no momento, procurando esboçar uma categorização preliminar dos tipos de trabalho teórico e das diversas modalidades de diálogo que se podem aí encontrar.

FILOSOFIAS DISSO E DAQUILO: O MODELO DA FILOSOFIA DA BIOLOGIA

Desde que a filosofia abdicou da sua condição de ciência fundamental – isto é, da pretensão de ser um conhecimento sistemático, racional e apriorístico sobre a essência das coisas mesmas segundo a tradição da metafísica clássica –, colocou-se, de forma mais aguda, o problema sobre a natureza de seus objetos de conhecimento e sobre o estatuto desse próprio conhecimento. Esta tem sido, pelo menos desde a revolução científica da Idade Moderna, uma tendência constante, em que áreas de investigação antes reservadas à filosofia (o mundo material, o cosmo, a substância, a vida) foram pouco a pouco reivindicadas por ciências empíricas específicas, à medida que progredia seu processo de constituição, amadurecimento e consolidação (a física, a química, a biologia, etc.). Embora, com certeza, haja tentativas contemporâneas de reabilitação da metafísica e de reconversão da filosofia num discurso sobre “as próprias coisas” (a fenomenologia do século 20 é exemplar nesse sentido), durante a maior parte dos últimos trezentos anos de sua história a filosofia tendeu a redefinir-se como um discurso de segunda ordem, que toma o conhecimento produzido pelas ciências, pela arte, pela religião, pela política, pela técnica e pelas práticas sociais como seu objeto de reflexão. Num sentido mais geral, a filosofia moderna e contemporânea, por um lado, assume o *problema do conhecimento* como seu foco de investigação, que se reparte pelas formas específicas de conhecimento produzidas pelas diversas ciências, práticas e discursos e, por



outro, volta-se sobre si mesma, tomando sua própria história como objeto de reflexão, dando origem à *história da filosofia* como uma disciplina estritamente filosófica. Nesse contexto, as diversas disciplinas filosóficas nomeiam-se segundo uma fórmula genitiva que se tornou típica: “filosofia de...”. Observamos, assim, o nascimento de uma filosofia *da* natureza, de uma filosofia *da* história, de uma filosofia *da* arte, de uma filosofia *da* educação e, sobretudo a partir do final do século 19 e ao longo do século 20, de uma filosofia *da* (ou *das*) ciência(s). Esta, por sua vez, subdivide-se à medida que as especialidades científicas vão tomando forma: filosofia da física, filosofia da química, filosofia da biologia, filosofia da psicologia, e assim por diante. Esses genitivos adquiriram e continuam adquirindo múltiplos significados ao longo da evolução histórica conjunta da filosofia, da ciência, das artes, da política, da técnica e das práticas em geral, mas é sobre esse pano de fundo que uma de suas ocorrências mais recentes – o que hoje chamamos de *filosofia da psicanálise*, cujo sentido se quer começar a elucidar aqui – pode ser mais bem compreendida.

A menção feita acima à filosofia da biologia pode ser ilustrativa, uma vez que essa disciplina passou recentemente por um processo semelhante àquele agora em curso na filosofia da psicanálise. Por isso, poder-se-ia traçar um paralelo interessante com o que ocorreu na constituição dessa disciplina filosófica, nascida igualmente no âmbito de uma discussão estritamente epistemológica e que ampliou, a partir daí, o seu campo de problemas, avançando também num processo de consolidação e institucionalização – nesse caso, mais em outros países, como Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Austrália, e apenas de forma ainda incipiente no Brasil.

A filosofia da biologia, tal como a conhecemos hoje, surge nos anos 60, em grande parte como uma reação, dentro do campo da filosofia da ciência, ao modelo neopositivista predominante nas décadas anteriores. Esse modelo, como se sabe, resgatava o programa positivista original – formulado por Augusto Comte no século 19 – de purificação das ciências dos resquícios de metafísica que estas ainda pudessem trazer embutidos em suas teorias. Com isso, fazia da *demarcação* entre ciência e não-ciência (ou entre ciência e pseudociência, para empregar o vocabulário popperiano) e do estabelecimento dos critérios



para essa demarcação seus objetivos principais. O neopositivismo (ou positivismo lógico) excluía como resíduo metafísico toda proposição a respeito de entidades ou processos não passíveis de observação, inclusive a própria noção de causalidade, se entendida como uma conexão lógica e metafisicamente necessária entre acontecimentos no mundo. Ele resgatava, assim, uma concepção humeana da causalidade como regularidade natural contingente, razão pela qual muitos de seus defensores preferiram a expressão *empirismo lógico*, para enfatizar uma filiação filosófica que se remetia mais a Hume do que a Comte. Como consequência, propunha uma concepção lógico-sintática das teorias científicas, como sistemas de enunciados dedutivamente articulados, no qual as relações funcionais entre variáveis referentes a particulares observáveis – e não mais relações de causa e efeito – pudessem ser subsumidas a leis gerais progressivamente mais abrangentes, obtidas por generalizações indutivas, até o limite ideal da universalidade. Essa visão da ciência era modelada sobre as ciências maduras – a física, basicamente – e utilizada, então, como parâmetro para a avaliação das pretensões de cientificidade das demais disciplinas. Como resultado, apresentava-se como um programa epistemologicamente reducionista (todas as ciências deveriam ser *reduzidas* à física) ou, nas suas versões mais extremas, eliminativo (todas as ciências deveriam ser *substituídas* pela física).



Se a filosofia da biologia surge inicialmente como uma reflexão que põe em questão essa filosofia da ciência e esse modelo de cientificidade, é justamente porque a essa altura (nos anos 60) as ciências biológicas pareciam dar todos os sinais de terem atingido seu ponto de maturidade epistêmica, marcada por acontecimentos tais como o surgimento da biologia molecular, a consolidação da biologia evolucionária como paradigma fundamental das ciências da vida, entre outros. Não obstante, era igualmente patente que as explicações biológicas não seguiam, na maior parte das vezes, as regras do modelo exposto acima. Em suma, a biologia aparecia como uma ciência muito bem resolvida na especificação de seus procedimentos metodológicos e de seus princípios e compromissos epistêmicos, sem, no entanto, adequar-se ao figurino neopositivista. O questionamento deste figurino que daí emanou foi tanto mais convincente por se tratar de uma ciência claramente caracterizada dentro do campo das ciências da natureza – que supostamente deveriam ter a física como paradigma – e não das ciências humanas, cujas críticas ao modelo positivista de ciência vinham de longa data, mas eram enfraquecidas por sua reivindicação de uma singularidade epistêmica absoluta, fundada numa cisão ontológica implícita ou explícita entre o humano e o natural (ou entre cultura e natureza).

Essa disciplina filosófica, assim surgida, pouco a pouco se expande, não apenas com relação ao seu campo de problemas, mas também institucionalmente, com a criação de sociedades científicas e de periódicos especializados (como o *Philosophy and Biology*, por exemplo, uma espécie de porta-voz oficial do movimento). Essa expansão e esse amadurecimento conceitual e institucional criaram, naturalmente, a necessidade de se formular uma *definição* e uma *caracterização* sistemática da área de pesquisa que assim se constituía; em outras palavras, uma explicitação do que ela é ou pretende ser e do que ela não é ou não pretende ser. Na filosofia da biologia, isso vem ocorrendo desde o final dos anos 60 (HULL, 1969), quando a área, por assim dizer, começa a tomar consciência de si mesma como um campo de investigação dotado de identidade própria, e experimenta, desde então, atualizações constantes (RUSE, 1989a; 1989b; ROSENBERG; McSHEA, 2008).



A filosofia da biologia apresenta-se, assim, como um campo de reflexão filosófica, inicialmente epistemológica – isto é, emanando de um campo de investigação ou prática científica – que, poderia, por isso, ser considerada como uma subdisciplina dentro do campo mais vasto da filosofia das ciências. No entanto, a expansão referida acima se deu, inclusive, no sentido da diversificação de sua problemática inicial, que passou a abarcar outras questões filosóficas, como aquelas relativas à ética e à teoria social (com o surgimento da sociobiologia em meados dos anos 70)³, tornando incluir até mesmo questões de certo viés metafísico, como aquelas relacionadas com a formulação do conceito de vida⁴.

Pode-se dizer que um processo semelhante está ocorrendo com o que estamos nos acostumando a chamar de filosofia da psicanálise. Nesse caso, a relação entre filosofia e psicanálise é até mais antiga que a filosofia da biologia⁵: uma “filosofia da psicanálise” existe informalmente há mais tempo, na medida em que as relações entre filosofia e psicanálise e a crítica filosófica desta última foram ainda contemporâneas a Freud. Se hoje se começa a falar mais sistematicamente de uma filosofia da psicanálise, é porque uma “tomada de consciência” da área como tal está começando a tomar forma, assim como aconteceu com a filosofia da biologia nos anos 60. Essa tomada de consciência e a consolidação conceitual, acadêmica e

³ Assim se expressa o criador da sociobiologia: “O biólogo interessado em questões de Fisiologia e História Evolucionária percebe que o auto-conhecimento é refreado e moldado pelos centros de controle emocional localizados no hipotálamo e no sistema límbico do cérebro. Esses centros inundam nosso consciente com todas as emoções, as quais são estudadas pelos filósofos éticos que desejam intuir os padrões do Bem e do Mal. O que foi, então, que produziu o hipotálamo e o sistema límbico? – somos pois compelidos a indagar. Eles evoluíram através da seleção natural. Essa simples afirmativa biológica tem de ser aceita para explicar a Ética e os filósofos éticos, se não a Epistemologia e os epistemologistas, em todos os níveis” (WILSON, 1975, p. 7). Mais adiante, ele complementa, como para não deixar dúvidas: “Cientistas e humanistas deveriam refletir juntos sobre a possibilidade de ter chegado a hora de se retirar temporariamente a Ética das mãos dos filósofos para entregá-la aos biólogos” (Ibidem, p. 7).

⁴ Emmeche (1997; 1998; EMMECHE; EL-HANI, 2000) propões a noção de *ontodefinição* para aquelas definições dos conceitos mais fundamentais e mais gerais das teorias científicas (matéria, mente, vida) que, por isso mesmo, encontram-se na fronteira entre a ciência e a metafísica.

⁵ Essa afirmação tem que ser precisada: é claro que a vida é um problema filosófico muito mais antigo, remontando à próprias origens da filosofia, de modo que uma *filosofia biológica* existe pelos menos desde então, ao passo que o inconsciente de que fala a psicanálise só se torna um problema filosófico após sua formulação por Freud na virada do século 20. A filosofia da biologia, como disciplina filosófica, toma forma nos anos 60, enquanto que uma filosofia da psicanálise só agora começa a se delimitar. Não obstante o debate filosófico sobre a psicanálise, como disciplina, data das primeiras décadas do século 20, enquanto que o debate filosófico sobre a biologia como disciplina científica, que caracteriza a filosofia da biologia, é um fenômeno, nesse sentido, mais recente.



institucional dessa área de pesquisa começam a conferir-lhe o caráter disciplinar que nos permite falar, cada vez mais, da filosofia da psicanálise como uma das espécies do discurso filosófico contemporâneo. Daí a necessidade de empreender o mesmo tipo de caracterização sistemática desse campo de investigação e de interlocução de que foi objeto a filosofia da biologia, tal como exemplificado nos trabalhos referidos acima. Em outras palavras, é preciso estabelecer, de forma explícita o que se designa por essa expressão – “filosofia da psicanálise” – e o que se entende pela disciplina filosófica que ela supostamente nomeia. Uma caracterização como esta ainda não foi empreendida com a necessária abrangência. Este trabalho é uma primeira tentativa – muito incipiente – nesse sentido.

Essa tarefa talvez seja mais urgente e complexo, no caso da psicanálise, uma vez que o campo de investigação assim constituído, a partir de seu diálogo com a filosofia, se apresenta como muito mais variado, multifacetado e problemático. A biologia é uma ciência natural *stricto sensu*, e uma filosofia da biologia encontra-se, pelo menos numa primeira abordagem, circunscrita ao domínio da epistemologia ou da filosofia das ciências, ainda que seus desdobramentos possam vir a abranger outras repercussões filosóficas do conhecimento biológico (ética, políticas, antropológicas, etc.). Quanto à psicanálise, seu próprio status científico – a psicanálise é ou não uma ciência e, em caso afirmativo, que tipo de ciência ela é? – permanece controverso e problemático. A própria tensão que marca as origens dessa relação entre filosofia e psicanálise, ainda na obra de Freud, acrescenta outro elemento complicador, que não se encontra do lado da biologia. Há ainda o fato de que os problemas de que se ocupa a psicanálise também muito cedo extrapolaram a esfera científica, abrangendo a arte, a religião e a cultura, o que, para muitos, seria um sinal inequívoco da heterogeneidade entre psicanálise e ciência (ou, pelo menos, ciência natural), sem falar em que a psicanálise é também – e, ao que tudo indica, essencialmente – um método de intervenção e uma prática, de modo que uma filosofia da mesma se aproximaria de uma filosofia da técnica, de uma teoria da ação, de uma teoria social crítica, enfim, de uma série de disciplinas filosóficas bastante distantes da austera filosofia das ciências.



Talvez não precisemos olhar muito longe para encontrar os elementos para essa caracterização sistemática do campo disciplinar da filosofia da psicanálise. Com efeito, todo esse processo de consolidação, expansão e institucionalização das pesquisas nessa área ocorreu de forma bastante típica e intensa na história recente da filosofia brasileira, como uma de suas características mais notáveis e num grau que, talvez, ainda não tenha encontrado paralelo em outros lugares. Uma vista d'olhos na experiência intelectual em que consistiu o surgimento de uma filosofia da psicanálise no Brasil talvez possa, assim, fornecer alguns elementos mais concretos para esse mapeamento preliminar da área aqui pretendido.

A FILOSOFIA DA PSICANÁLISE NO BRASIL

Se, do lado da filosofia, a aplicação da metodologia da análise de textos do estruturalismo filosófico aos trabalhos de Freud e, depois, de outros teóricos da psicanálise consistiu numa estratégia para ampliar os horizontes da filosofia acadêmica no Brasil, no que diz respeito à psicanálise ela representou uma ruptura com uma tendência mais ou menos constante na recepção filosófica da obra de Freud até então, a saber, a de realizar a crítica do conhecimento psicanalítico a partir de um paradigma filosófico externo ao mesmo, resultando numa inevitável distorção na compreensão dos conceitos. Pode-se dizer que essa defesa de Freud frente a uma espécie de reducionismo filosófico – ou frente a sua apropriação por um projeto teórico estranho à psicanálise – constituiu o denominador comum de boa parte dos trabalhos fundadores que vieram a lançar as bases do hoje chamamos de uma filosofia da psicanálise. Em Monzani (1988), encontramos a melhor visão sintética e de conjunto dessa abordagem. Após passar em revista as interpretações humanistas e hermenêuticas de Freud, tais como as de Paul Ricoeur, Jean Hyppolite e Ludwig Binswanger, ele finaliza com uma conclusão que aponta para o caráter infrutífero dessas interpretações para quem deseja compreender o sentido próprio da obra freudiana. Essas leituras que se dão a partir de um referencial filosófico pré-estabelecido, que funciona então como uma lente de distorção, seriam capazes apenas de fornecer uma imagem adulterada da teoria psicanalítica:



Foram necessários quase sessenta anos para aprendermos como não se deve ler Freud. (...) De qualquer maneira, agora já deve ter ficado claro para o leitor que há duas maneiras distintas do discurso filosófico relacionar-se com o discurso psicanalítico. A primeira, que até hoje só deu resultados negativos e, ao que tudo indica, sempre dará, é a tentativa de ler esse discurso através da rede de um sistema filosófico. A outra consiste na constituição de uma epistemologia da psicanálise, no sentido definido acima, e que tem se revelado frutífera e promissora. (MONZANI, 1988, p. 132).

Essa epistemologia da psicanálise que o autor menciona fora, anteriormente, cuidadosamente distinguida de uma “filosofia da ciência”. Esta última, de modo geral, consistiria numa crítica filosófica da psicanálise que seguisse o figurino neopositivista tradicional. Como foi descrito acima, isso significaria tomar como termo de comparação certo modelo de cientificidade – uma “concepção recebida” da ciência, em geral pautada pelo paradigma das ciências da matéria, a física, a química, etc. –, a partir do qual as pretensões de cada disciplina específica de ser reconhecida como ciência seriam avaliadas e julgadas. Deste modo, cumprir-se-ia o programa básico desse tipo de abordagem, que é o estabelecimento de fronteiras nítidas e de critérios precisos para distinguir o que é ciência e o que não é (ou o que não passa de “pseudociência”). Em suma, tratar-se-ia de resolver o problema da demarcação, a questão por excelência de que se ocupa esse tipo de filosofia da ciência. Surge mais um elemento aqui para o paralelo traçado acima com a filosofia da biologia que reforça seu valor ilustrativo: a filosofia da psicanálise também emerge, em parte e à sua maneira, da crítica ao neopositivismo e de sua concepção normativa da unidade da ciência. Em contraposição, a concepção de epistemologia delineada por Monzani deriva, em parte, da proposta descontinuista de Bachelard e se define quase que nos antípodas da atitude que acabamos de descrever:



A epistemologia de uma determinada disciplina que se quer ciência pretende algo um pouco diferente. Embora pretenda também investigar os modos de procedimento de uma disciplina, ela não se reduz a isso e, sobretudo, sua intenção não é a de instaurar um tribunal em que as diferentes disciplinas irão humildemente depositar seus “títulos de direito” para serem julgadas segundo regras predeterminadas. Ela parte de outro ponto de vista que, no caso da psicanálise (...) tem-se revelado bem mais frutífero. Em primeiro lugar, parte da idéia de que cada domínio científico tem seu contorno e sua identidade própria e que é inútil tentar instaurar um ideal unitário de ciência. Em segundo lugar, procura, no interior de cada discurso, conferir-lhe o “estatuto de um texto” (Lebrun) e tratá-lo como uma rede ou um tecido de significações que vale a pena ser comentado e explicitado. Em terceiro lugar, a partir dessa análise interna, procurará examinar e estabelecer o conjunto dos critérios próprios e específicos de validação da disciplina em questão e qual o critério e a idéia de verdade que daí brotam. (MONZANI, 1988, p. 131)

A rápida referência *en passant* a Gérard Lebrun na passagem citada fornece a pista para a origem dessa distinção que está sendo traçada. De fato, num texto influente – “A *idéia de epistemologia*” – que marcou época nos anos 70, o filósofo francês delineia uma distinção semelhante, ainda que com uma terminologia algo diferente: ele distingue entre *epistemologia* e o que denomina “*reflexão racionalista sobre a ciência*”. Embora esta última não seja exatamente o mesmo que a “filosofia da ciência” descrita por Monzani, a sua caracterização da epistemologia revela claramente sua afinidade com aquela mencionada acima:

(...) diante do *Faktum* das ciências positivas, existem duas atitudes possíveis, uma de origem cartesiana, outra de origem aristotélica. *Ou bem* se deixa na sombra a positividade, preferindo mostrar de que modo a ciência em questão é uma explicação dos *arkhai racionais* (dos quais se revela então, mais uma vez, a prodigiosa fecundidade em qualquer área): trata-se do estilo *racionalista*. *Ou bem* se presta atenção ao caráter autóctone (*oikeion*) dos princípios que uma ciência apresenta e ao caráter singular dessa montagem teórica que permite determinar os “objetos” de forma até então inédita – ou seja, prefere-se, àquilo que uma ciência descobre (para maior glória da “*ratio*”), sua maneira própria de produzir enunciados ou regras que possibilitam sua edificação: trata-se do estilo *epistemológico*. (LEBRUN, 1977, p. 134-35, grifos do autor)



Embora Lebrun certamente não endossasse sem ressalvas o modelo historiográfico e tivesse sempre procurado uma maneira original de articular *filosofia* e *história da filosofia*, sua concepção não-normativa de epistemologia não deixa de adaptar, à sua maneira, as regras daquele *método* de análise filosófica ao tratamento do discurso científico: considera-o como um texto a ser decifrado, elucidado em suas articulações internas, pensado como um sistema de enunciados que pode ser explicado e justificado pela lógica própria que rege suas operações e suas transformações, ainda que, em algum momento, torne-se necessário refazer o caminho de volta em direção ao mundo do qual a ciência, pelo menos, pretende falar e ocupar-se, assim, com o problema dos critérios de decisão e de validação, regime de provas, concepção de verdade, e assim por diante – problemas que, em última instância, exigirão outra forma de discussão epistemológica e outra “idéia de epistemologia”⁶.

Seja como for, tratava-se, na filosofia da psicanálise que assim tomava forma, de ler Freud como se ele fosse um filósofo, mesmo que sem ignorar que ele jamais o fora. É pela *via do método* que essa nova abordagem descrita e saudada por Monzani se define como filosófica e é por essa via que ela pretende corrigir os abusos e as distorções das interpretações filosóficas da psicanálise que a precederam. Em outra passagem, Monzani aproxima explicitamente essas abordagens “epistemológicas” da metodologia de análise estrutural em história da filosofia, tomando os trabalhos de Laplanche como exemplo:

⁶ Para uma discussão da necessidade de se passar de uma epistemologia imanente para uma epistemologia geral na avaliação filosófica da psicanálise freudiana, ver Fulgêncio (2008). Para uma discussão das idéias desse autor e de outras questões epistemológicas relacionadas à psicanálise freudiana, ver Simanke (2009).



Está se realizando uma leitura atenta e rigorosa dos textos de Freud, de sua significação e de suas implicações. Leituras diversas, mas não necessariamente divergentes, que vão desde uma leitura estritamente textual – *ao modelo da leitura gueroultiana em história da filosofia* –, como é o caso das *Problématiques* de Laplanche, passando por análises mais específicas, como é, por exemplo, o caso da bela análise da noção de afeto na obra de Freud realizada por A. Green (...). (MONZANI, 1988, p. 128, grifos nossos)

Talvez o primeiro exemplo desse tipo de trabalho tenha sido o livro de Renato Mezan, *Freud: a trama dos conceitos* (MEZAN, 1982), cujo título já anuncia a disposição para o tipo de análise defendida por Monzani. O livro do próprio Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento* (MONZANI, 1989), é outro exemplo consagrado desse tipo de abordagem, em cuja introdução, aliás, o autor retoma a caracterização da análise epistemológica recapitulada acima, distinguindo-a da *filosofia das ciências*, por um lado, e da *história das ciências*, por outro e, dessa vez, remetendo essas distinções ainda mais explicitamente ao ensaio de Lebrun. Para finalizar esse rápido inventário, mencionemos apenas o trabalho de Gabbi Jr. com a chamada “pré-história” do pensamento freudiano, que renderia, bem mais tarde, a publicação de *Notas a ‘Projeto de uma Psicologia’: as origens utilitaristas da psicanálise* (GABBI JÚNIOR, 2003)⁷.

Essa foi a forma inicial que assumiu aquilo que, então, se designava como uma “epistemologia da psicanálise”, primeira figura de um debate filosófico sistemático em torno da psicanálise no Brasil. No começo da década de 1990, Bento Prado Jr. organizou uma coletânea de alguns trabalhos seus e de outros autores sobre psicanálise, na qual propunha – inclusive desde o título – que se falasse, de forma mais geral, em uma “filosofia da psicanálise”, em vez uma “epistemologia”. Isso, basicamente, por duas razões: em primeiro lugar, porque as questões filosóficas suscitadas pela psicanálise estavam longe de se restringirem aos problemas relativos à racionalidade científica, como o termo “epistemologia” poderia sugerir; em segundo lugar, a idéia de uma “epistemologia da psicanálise” enfatizava excessivamente um caminho unidirecional, a saber, a idéia de uma reflexão filosófica *sobre* a psicanálise, que a colocaria somente na posição de objeto de análise e crítica, enquanto que,

⁷ Uma apresentação e uma amostra representativa da produção dos, por assim dizer, pioneiros da filosofia da psicanálise no Brasil pode ser encontrada em Fulgêncio & Simanke (2005).



segundo ele, seria preciso considerar também as interrogações que a psicanálise propõe – ou, até mesmo, impõe – à filosofia, contribuindo assim para a renovação de sua problemática. Portanto, o genitivo “filosofia *da* psicanálise” deveria ser entendido tanto em seu sentido *objetivo* – que enfatiza a psicanálise como objeto da interrogação filosófica – quanto no sentido *subjetivo* – segundo o qual a psicanálise produz as suas próprias questões filosóficas, a *sua* filosofia, da qual a filosofia mais ampla deveria, então, se apropriar. Assim, configurar-se-ia a “via de mão dupla” que deveria caracterizar o diálogo entre as duas disciplinas, afirmada numa passagem da introdução do livro, constantemente citada desde então, mas que vale a pena reproduzir, uma vez que, juntamente com o próprio título da coletânea, contribui decisivamente para introduzir e disseminar entre nós a expressão “filosofia da psicanálise”, que passou cada vez mais a designar, em seus diversos sentidos, o novo campo disciplinar que assim se formava:

O título, *A filosofia da psicanálise*, sublinha, no entanto, o que há de comum nesses diferentes trabalhos e aponta para a unidade do livro. Uma unidade que não se revela à simples menção do caráter “epistemológico” de todos os ensaios (...). O genitivo presente no título deste livro deve ser lido com um duplo sentido: filosofia *da psicanálise*, já que se trata de uma reflexão que faz do discurso e da teoria freudiana seu objeto; mas também *filosofia da psicanálise*, já que se trata da filosofia que a psicanálise parece impor aos filósofos, exigindo mudanças cruciais no aparato conceitual que faz a tradição da própria filosofia. (PRADO JUNIOR, 1991, p. 7-8, grifos nossos)⁸

Tudo se passa como se a se tivesse chegado, então, o momento para que a própria filosofia da psicanálise buscasse a ampliação de seus horizontes filosóficos, galgando mais um degrau na escalada de sua maturidade disciplinar: assim como os historiadores da filosofia tiveram que buscar um caminho para fora e para além do estruturalismo, os praticantes da “filosofia da psicanálise” sentiram necessidade de buscar alternativas para fora daquela visão de epistemologia baseada na metodologia do estruturalismo filosófico. Isso, por um lado, criou uma diversificação das modalidades de trabalho realizadas na área, quer rumo a uma epistemologia mais geral, capaz de realmente avaliar as estratégias de conhecimento empregadas pela psicanálise e situar seu lugar no conjunto das ciências e suas afinidades com

⁸ Uma análise mais detalhada da importância da contribuição de Prado Jr. para consolidação e para a própria definição da área de pesquisa em filosofia da psicanálise pode ser encontrada em Simanke (2007).



as ciências humanas e/ou as ciências naturais, quer em direção a outras tradições do pensamento filosófico, como a estética, a política, a teoria social, entre outras, com as quais a problemática própria da psicanálise leva a estabelecer pontos de contato e de interlocução. Por outro lado, a própria maturação disciplinar aí em curso, conduziu a um questionamento do lugar da filosofia da psicanálise no conjunto das disciplinas filosóficas e de sua autonomia e identidade, além da discussão, sempre renovada desde as origens da psicanálise, da especificidade desta última e dos riscos acarretados pela colocação acrítica da psicanálise sob alguma espécie de tutela filosófica⁹. Daí a necessidade de estabelecer uma categorização, ainda que preliminar, da pluralidade de trabalhos que ora se realizam nesse campo, de modo a melhor especificar o que se pode entender afinal por filosofia da psicanálise e evitar, tanto quanto possível, os mal-entendidos. É uma contribuição a essa tarefa que se procurou esboçar abaixo.

⁹ Diversos filósofos da área já me manifestaram certo desconforto com a expressão “filosofia da psicanálise”, por entendê-la apenas no sentido de um discurso filosófico *sobre* a psicanálise. Um dos objetivos deste texto é contribuir para a dissipação desses mal-entendidos. Agradeço aqui aos colegas Francisco Bocca e Daniel Peres pelos debates sobre essa questão quando da implantação da linha de pesquisa em Filosofia da Psicanálise no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC do Paraná, assim como aos demais professores daquele Programa que participaram dos debates. Este artigo é, de certa maneira, o resultado de minha participação nos mesmos.



MAPEAMENTO PRELIMINAR DA ÁREA

Uma coisa pelo menos é certa: se, por um lado, “filosofia da psicanálise” não significa necessariamente colocar a disciplina criada por Freud exclusivamente na posição subordinada de objeto da interrogação filosófica, por outro, ela tampouco abre espaço para a justificação da reivindicação ideológica, que chega a ser comum no campo psicanalítico, de uma espécie de imunidade da psicanálise à crítica filosófica. Essa reivindicação foi formulada, de diferentes maneiras, tanto por Freud quanto por Lacan e assumida, de uma forma ou de outra por muitos filósofos empenhados num diálogo cerrado com a psicanálise (RAICOVIC, 1994; SIMANKE, 2005). Quanto ao primeiro risco (o da tutela filosófica), a interpretação – nesse sentido, rigorosamente inaugural – que Prado Jr. faz da expressão “filosofia da psicanálise” abre caminho para que se possa evitá-lo com segurança. Na verdade, presta-se à prevenção de ambos os riscos: ela afirma que a psicanálise, como qualquer outra forma de discurso ou conhecimento, pode-se tornar objeto da interrogação filosófica e, simultaneamente, que a psicanálise não comparece passivamente nessa relação, na medida em que assinala o momento e o lugar do surgimento de um novo conjunto de questões filosóficas ou de renovação e re-significação de questões anteriores, as quais a filosofia não pode ou não deveria ignorar, a bem do enriquecimento e da atualização de sua problemática própria. Tendo isso em mente, cabe tentar especificar o sentido dessa relação, de modo a contemplar a possibilidade desse caminho de ida e volta entre a psicanálise e a filosofia, de tal modo que essa aproximação seja proveitosa para ambas. De forma aproximativa, três modalidades de interlocução entre psicanálise e filosofia são propostas abaixo, as quais se apresentam igualmente como três sentidos em que a expressão “filosofia da psicanálise” pode ser entendida ou como três grandes eixos de pesquisa que organizam a nova disciplina filosófica que esta designa.



1) Em primeiro lugar, é claro, teríamos *a psicanálise como objeto de interrogação filosófica*. Tratar-se-ia aí de um *filosofar sobre a psicanálise*. Este pode ser entendido ainda no sentido de uma análise interna das teorias psicanalíticas, campo de pesquisa onde ainda há, com certeza, muito que fazer, não apenas porque a compreensão do sentido, dos desdobramentos e das implicações das obras dos grandes teóricos da história da psicanálise, aí incluída a obra inaugural de Freud, está longe de ter sido plenamente atingida, mas também porque a psicanálise enquanto tal, apesar de suas crises e de seu relativo insulamento institucional ao longo do século passado, apresenta-se como uma disciplina e uma prática viva e atuante, na qual novos desenvolvimentos teóricos surgem e passam a exigir a atenção da crítica e da análise filosófica. Além dessa análise interna das teorias, em que sobrevive aquela epistemologia imanente que marcou o surgimento da filosofia da psicanálise no Brasil, há ainda a necessidade da discussão da psicanálise no âmbito de uma epistemologia geral ou, mesmo, da filosofia das ciências. Essa discussão precisa ser constantemente atualizada, uma vez que a própria concepção de ciência se modifica ao longo do tempo e que novas especialidades científicas surgem e/ou se desenvolvem, expandindo seu campo de investigação e abrindo novas fronteiras com a psicanálise, com o que outras possibilidades de aproximação ou de integração aparecem, a exigir uma discussão epistemológica de suas bases. Emblemática dessa circunstância é o desenvolvimento contemporâneo das neurociências e das ciências cognitivas e a possibilidade de sua integração com a psicanálise, cujas implicações epistemológicas ainda estão por serem plenamente avaliadas. Ainda nessa modalidade, teríamos outras formas, não estritamente epistemológicas, de crítica filosófica da psicanálise, por exemplo, a crítica do naturalismo freudiano a partir de certa antropologia filosófica (Heidegger, Ricoeur) ou a crítica da concepção psicanalítica da linguagem a partir do pragmatismo lingüístico ou de uma terapia gramatical de estilo wittgensteiniano. Esse primeiro caso seria típico de um movimento que vai *da filosofia para a psicanálise*.



2) Em segundo lugar, teríamos o que se pode designar como *a convergência entre psicanálise e filosofia*, que poderia ser também descrito como um *filosofar com a psicanálise*. Essa modalidade de aproximação entre filosofia e psicanálise se daria de, pelo menos, duas maneiras. Uma delas seria pela via de uma comunidade de interesses ou do compartilhamento de um mesmo conjunto de problemas. De fato, desde suas origens, a psicanálise abrangeu uma série de áreas de interesse tradicionais da reflexão filosófica, tais como: estética (uma psicanálise do impulso criador, do sentimento estético e, de forma mais controversa, da própria obra de arte), a política (a análise psicanalítica do poder e das relações de dominação, através de conceitos tais como o de paranóia e masoquismo, por exemplo), a teoria social (as bases do laço social e da própria sociabilidade, a repressão, o mal-estar na cultura), a teoria da ação e ética (existe ou não existe ação irracional, as relações entre determinismo e liberdade, etc.), a hermenêutica (a psicanálise como teoria da interpretação e do sentido), a filosofia da linguagem (as relações entre mente, linguagem, ação e consciência), e assim por diante. Outra via seria pela aproximação entre a psicanálise e certas tradições já constituídas dentro do pensamento filosófico, como a *fenomenologia* (pelo compartilhamento de problemas como a percepção, a consciência e o comportamento) ou a *filosofia da mente* (pelo compartilhamento de questões tais como a natureza do mental, da relação da mente com o corpo e com o cérebro, etc.). Em todos esses casos, há um *movimento de mão dupla*, em que a filosofia encontra na psicanálise novos *insights* e redirecionamentos para questões que lhe são próprias, enquanto que a psicanálise encontra na filosofia as ferramentas teóricas que lhe permitem maior rigor na elaboração e na reformulação de seus conceitos.



3) Por fim, pode-se falar ainda da *psicanálise como campo indutor de problemas para a filosofia*, configurando o que se pode considerar como um *filosofar a partir da psicanálise*. Esta seria a modalidade de diálogo em que as questões propriamente psicanalíticas podem ser assumidas pela filosofia, inaugurando novas linhas de pensamento ou renovando em profundidade estratégias de reflexão já constituídas. Um exemplo bastante ilustrativo seria o próprio conceito psicanalítico de inconsciente, nas suas diversas versões: embora o inconsciente já fosse um problema filosófico muito antes de Freud, parece bastante evidente que filosofar sobre o inconsciente hoje, sem levar em conta a psicanálise, seria pelo menos uma grave omissão. O mesmo pode ser dito de questões tais como a própria idéia de razão, o sentido da ação, a liberdade, o sujeito, entre outras, que são todas problematizadas pela psicanálise de uma maneira que rompe, em alguma medida, com sua abordagem filosófica tradicional e que podem, por isso mesmo, ser retomadas pela filosofia, para delas extrair, com todo o rigor, o sentido e as conseqüências da novidade que elas supostamente trazem consigo. A psicanálise apareceria, assim, como algo que interroga a filosofia ou como uma motivação – teórica, e não necessariamente psicológica – para o filosofar. Essa terceira modalidade consistiria num movimento que se direciona *da psicanálise para a filosofia*, completando assim o quadro que se pretendeu aqui traçar.

É claro que essas categorias consistem numa esquematização e que devem, se for o caso, ser manejadas com flexibilidade, e não como um sistema classificatório rígido. Todas essas modalidades podem conviver e até mesmo exigir-se mutuamente num mesmo trabalho de filosofia da psicanálise. A única intenção aqui foi esboçar um esquema descritivo das possibilidades de interrogação filosófica nesse novo campo disciplinar, a fim de caracterizá-lo mais sistematicamente e de explicitar com maior detalhe o sentido do que se entende por filosofia da psicanálise.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode dizer a título de conclusão, além do fato de que há um evidente proveito mútuo para ambos os campos articulados nesse diálogo, no qual a filosofia pode ganhar em criatividade e fecundidade, pela abertura de novas frentes de reflexão, e a psicanálise pode ganhar em rigor, ao beneficiar-se com os resultados do tipo de análise conceitual próprio da filosofia? Pode-se afirmar ainda – ao final desse percurso que procurou estabelecer o que é a filosofia da psicanálise – aquilo que ela não é ou não deveria ser, como quer o nosso título. A filosofia da psicanálise, certamente, não é uma estratégia para colocar a psicanálise sob a tutela da filosofia ou para esta poder reivindicar a última palavra sobre as condições de verdade do conhecimento psicanalítico. Isso seria desconhecer a especificidade e autonomia do campo psicanalítico, cuja salvaguarda constituiu uma das intenções fundadoras dessa área de pesquisa em filosofia. Seria desconhecer também o fato elementar de que a psicanálise não precisa da filosofia para existir, embora possa certamente se beneficiar de seus instrumentos. No extremo oposto, a filosofia da psicanálise tampouco é uma maneira de fornecer um aval filosófico (ou pseudofilosófico) para a reivindicação de imunidade da psicanálise à crítica filosófica, o que seria hipertrofiar aquele ideal de autonomia epistêmica, degradando-o ao ponto de uma ideologia grupal. A pior coisa para a filosofia da psicanálise seria se dissolver na própria psicanálise, substituindo a interlocução efetiva pela promiscuidade intelectual e pondo a perder o ganho mútuo que se procurou caracterizar aqui.

Como se viu, a psicanálise, ao longo de sua constituição histórica, entreteve um proveitoso e multifacetado diálogo com a filosofia. Despertou, por um lado, a atenção a crítica filosófica devido a uma série de singularidades de seu perfil disciplinar e, por outro, soube, em seus melhores momentos, apropriar-se dessa crítica para o enriquecimento de sua arquitetura conceitual e para a sofisticação de sua prática teórica. Por fim, na direção inversa, pôde propor novas interrogações e novas perspectivas sobre questões já existentes à reflexão filosófica, as quais podem ser aproveitadas para a atualização da problemática própria da



filosofia e para a abertura de novos horizontes de reflexão. A tarefa da filosofia da psicanálise é contemplar todas essas modalidades da relação entre os dois termos que compõe sua designação. Uma relação historicamente tensa e difícil, marcada por mal-entendidos de ambas as partes, mas que também se tem revelado fecunda e proveitosa, evidenciando, mais uma vez, os benefícios de uma interdisciplinaridade responsável e da abertura intelectual para a prática da filosofia.

REFERÊNCIAS

ARANTES, P. **Um departamento francês de ultramar**: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60). São Paulo, SP: Paz e Terra, 1994.

DALBIEZ, R. **O método psicanalítico e a doutrina de Freud**. Rio de Janeiro, RJ: Agir, 1947. (2 v.).

EMMECHE, C. Autopoietic systems, replicators and the search for a meaningful biological definition of life. **Ultimate Reality and Meaning**, v.20, n.4, p. 244-264, 1997.

_____. Defining life as a semiotic phenomenon. **Cybernetics and Human Knowing**, v.5, n.1, p. 03-17, 1998.

EMMECHE, C.; EL-HANI, C. N. Definindo vida. In: EL-HANI, C. N.; VIDEIRA, A. A. P. (Org.). **O que é vida?** Para entender a biologia do século XXI. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, 2000.

FULGÊNCIO, L. **O método especulativo de Freud**. São Paulo, SP: EDUC; FAPESP, 2008.

FULGÊNCIO, L.; SIMANKE, R. T. (Org.). **Freud na filosofia brasileira**. São Paulo, SP: Escuta, 2005.

GABBI JUNIOR, O. F. **Notas a ‘Projeto de uma psicologia’**: as origens utilitaristas da psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2003.

GRÜNBAUM, A. **The foundations of psychoanalysis**: a philosophical critique. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1984.

HULL, D. H. What Philosophy of Biology is not. **Synthese**, v.20, n.2, p.157-184, 1969.



- LEBRUN, G. A idéia de epistemologia. In: LEBRUN, G. **A filosofia e sua história**. São Paulo, SP: Casac Naify, 2006. p. 129-144.
- MACMILLAN, M. **Freud evaluated: the completed arc**. Cambridge, MA: MIT Press, 1997.
- MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1982
- MONZANI, L. R. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas. In: PRADO JUNIOR, B. (Org.). **Filosofia da psicanálise**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1991. p. 109-138.
- _____. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- POLITZER, G. **Critique des fondements de la psychologie**. Paris: Rieder, 1928.
- POPPER, K. **Conjeturas e refurações**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.
- PRADO JUNIOR, B. Apresentação. In: _____. (Org.). **Filosofia da psicanálise**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1991. p. 7-8.
- RAICOVIC, P. **O sono dogmático de Freud: Kant, Freud, Schopenhauer**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1996.
- RICOEUR, P. **De l'interprétation: essai sur Freud**. Paris: Seuil, 1965.
- ROSENBERG, A.; MCSHEA, D. W. **Philosophy of biology: a Contemporary Introduction**. New York and London: Routledge, 2008.
- RUSE MICHAEL, E. **Philosophy of biology today**. New York: State University of New York Press.
- _____. **What the philosophy of biology is: essays dedicated to David Hull**. Amsterdam: Springer, 1989.
- SIMANKE, R. T. A letra e o sentido do 'retorno a Freud' de Lacan: a teoria como metáfora. In: SAFATLE, V. (Org). **Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise**. São Paulo, SP: EDUNESP, 2003. p. 277-303.
- _____. As ficções do interlúdio: Bento Prado Jr. e a filosofia da psicanálise. **O que nos faz pensar** – Cadernos do Depto. de Filosofia da PUC-Rio, Rio de Janeiro, v.22, p. 67-88, 2007.



_____. Nem filósofo, nem antifilósofo: notas sobre o papel das referências filosóficas na construção da psicanálise lacaniana. **Natureza Humana** – Revista de Filosofia e Psicanálise, v.7, n.1, p. 09-58.

_____. Realismo e anti-realismo na interpretação da metapsicologia freudiana. **Natureza Humana** – Revista de Filosofia e Psicanálise, v. 11, n.1. (no prelo).

WILSON, E. O. **Sociobiology**: the New Synthesis. Cambridge, MA: Belknap, 1975.

**Richard Theisen Simanke**

Professor Associado do Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Professor e orientador de mestrado e doutorado do PPG em Filosofia e do PPG em Psicologia da UFSCar; É autor, entre outros trabalhos de *A formação da teoria freudiana das psicoses* (Loyola, 2009) e *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação* (Discurso Editorial, 2002) e organizador (com Leopoldo Fulgêncio) de *Freud na filosofia brasileira* (Escuta, 2005)

Recebido em: 27/11/09
Publicado em: 31/03/10